A CERIMÓNIA DO SOL

"la culture
rapetisseuse du champ
génératrice de nuit"
Jean Dubuffet (1)

CARLOS M. COUTO S. C.

— "diligens religionum culter"
(escrupuloso observador dos ritos)

(praepucium, cucutium). 1.

A *Celebração do Solo*(1 e 11) de Dubuffet traduz, num espaço topológico, o espaço da rede e o espaço em rede, a *n* versões e dimensões, uma série de lugares cursivos, as chamadas "texturologias" — topografias. Lugares cursivos, contínuos, discretos, que põem em jogo uma determinada "ordem" do Caos — um *Caosmos* joyce-deleuziano. Espaço(polímorfo)sideral. Lugares cursivos que são a própria trajectória, pelo corpo da linguagem (e a do corpo), dos *Nermes* serresianos. Ou seja: a Ordem a partir do Ruído. Ruído — citamos de cor um dos Serres — essencial à própria "comunicação", a interferência essencial à própria inter-referência mútua. A Rede (artrológica, artrologia — no sentido barthesiano) será, porquanto, este nosso espaço interferido e inter-*ferido* (mateologias?), espaço do Mensageiro(Cf. ainda Serres), Mercúrio, nó topológico onde tudo se distribui, funde e confunde, conecta e desconecta, flui-frui-e-conflui, enfim, explosão iniciática (mais do que inicial), espaço do Big-Bang como sua INTRÍNSECA produtividade. I.é, CORPO. Montagem hipercomplexa de organismos vivos, desmontagem produtora de linguagem, partindo das parelhas ruído/informação, entropia/neguentropia, acaso/programa, caos/cosmos, desordem/ordem, distribuição/arranjo. Topologia-energ*ética*, se quizerem. *Asterismos*(Takemitsu), clusters, errôr, errância, estima serresiana, deriva lyotardiana, estratégia dos *Arquipélagos* (Boucoureschliev), por um lado. Discurso, percurso, por outro. Numa palavra, o JOGO da circulação. Como no texto serres-lucreciano.

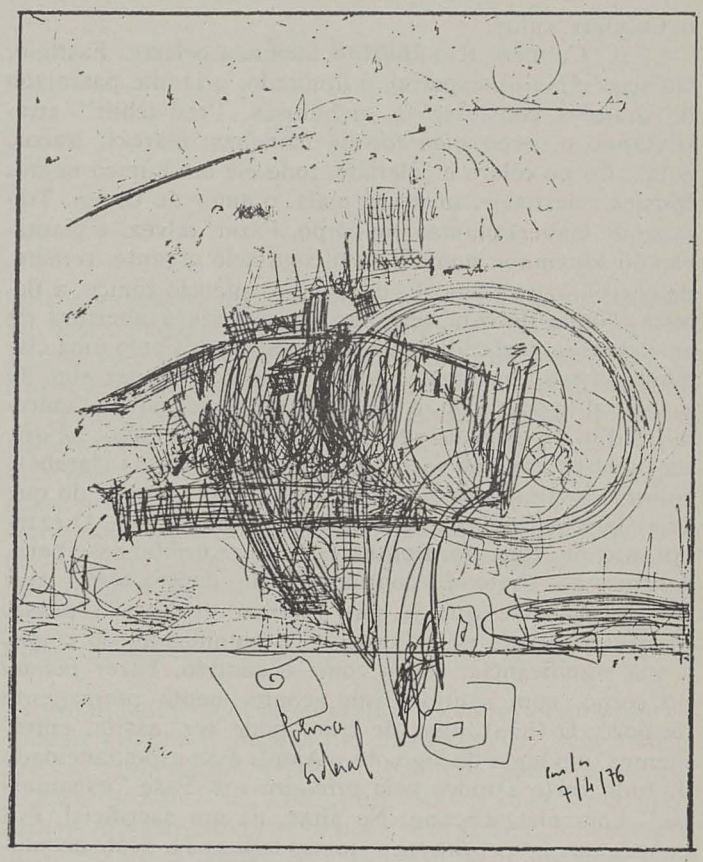
No prepúcio liminal deste texto, eis que se nos depara, como lugar e aprendizagem de *Culto* (/Cultura), a lâmina, o cutelo, o entalhe profundo à superfície de uma tela fontaniana. (Disseminação cultural das membranas que compõem o corpo do mensageiro. A viagem).

2. Cultus, cultello.

O cutelo fere a cutícula, pele-película do texto que escrevo. Os sons, do mesmo modo, funcionam com autênticas explosões, violentíssimas, em razão do silêncio, onde deflagram. Ainda clusters. Vulcanizações torrenciais. Arborescências. Rizômas. Medusas. Evryali. Êxcetra, etc.. Thoreau-Cage: os sons-bala à superfície do silêncio (o silên-*Cio*). Os ferimentos têm, por assim dizer, im-*plantação*, cultual. "cultural", ao longo do (hélio) discurso histórico, histérico, se preferirem. São as chamadas Conferências (con-*feridas*). As catástrofes. As cerimónias (Versões) do Sol. Ainda e sempre o cultello: a própria morte como essa fissura no dis-curso, brecha a fundo na empiria, mutação hiperbólica(Jankélévitch), a cessação de ser — um ser-outro. Esse ser-outro *exprime*, de algum modo, toda a *TextKomposition* do actual discurso sonoro, como voz zero da escrita musical(2). O cutelo golpeia e delimita o próprio "limes", a fenda, "fêlure", "crack-up", da obra (obra-a-centrada), *marca* a sua *margem*, esboça a sua *marcha* — a da cesura, ou fenda em agenciamento. Cortes. Descontinuidades. Matemática e música das harmonias, proporções (Gulliver e as Viagens), relações entre grandezas, contínuos (a *Fermata* de Emanuel Nunes), séries, serieções, modelos, cópias, simulacros, simulações. Combinações, probabilidades, variáveis aleatórias, distribuições. Xenaquis. Elementos discretos constitutivos de unidades: reservatório onde circulam trupes e sequências combinatórias, uma *Ars Combinatoria*, susceptíveis de serem matrizadas. Por aí, a teoria das formas musicais. Agenciamentos multifários de probabilidades. Xenaquis/Serres: *Pitopraktha*. Ruídos de fundo. Os da "cultura"(é preciso ouvir o Ligeti da *Artikulation*), pontuada na mise-en-abyme do espelho dos Arnolfini de Van Eyck, ou ainda no universo de ficção metafísica(Borges)de Watteau. (A Caverna). Xenaquis: "le fond de la caverne(...)c'est le fond qu'il faut briser"(3).

3. Cultio, culto, cultura.

Repetimo-lo: os ruídos da música. A música de ruídos. De qualquer modo, música em jogo, o jogo da música. Donde, o lugar de culto, e lugar dos recreativos. Um espaço-outro. A-tópico. U-tópico. Utópicas e Jogos de espaço (Cf. a obra de Louis Marin): da *Utopia* de Moore à *Cidade Vertical* de Xenaquis, trespassando as *Notícias de Parte Nenhuma* de W. Morris e, bem entendido, a *Disneylândia*. Do *Cravo Bem Temperado* ao *Piano Preparado*, o corpo, a marca. Texto musical = montagem topográfica (e tipográfica) de grafismos que "marcam" e demarcam a espacialidade *constelatória* (weberniana) das relações sonoras. Multiplicidade não-linear mas pontual, desvios, tensões, centros de atracção/repulsão, ambivalências, enfim, a negatividade e a alteridade como ruídos produtores de música. *Purlieu*. Movimentos "brownianos", dispersos, espasmáticos, fluxivos (deleuze-guattarianos), centrífugos. Jogos em música, estratégias. Estratégias cultuais, pontuais, que são os *Croquis* e as *Ogives* de Satie, as *Acústicas* de Kagel, as Percussões de M. Duchamp, o riso de Cage. Finnegan's. Ou ainda o Mozart das "Musiklisches Wurfelspiel". Estratégias limítrofes porque



4. Cultru.

Liminal, liminais (Lat. Limen. Seuil. Centro, Coração, Fulcro, etc.), limiar/limite. x (...) a. O entre-parêntesis, tal como em música, designa um *intervalo* = conjunto dos números ( ) compreendidos entre dois *a* e *b*: intervalo (a, b). Em música: diferença de altura entre dois sons (terças, quintas, oitavas, etc.). [ ] signo que, em música, significa "ad libitum". O Limite (limes, limitis): ponto-linha-superfície delimitativos de duas regiões (separadas) do espaço. Um "conceito-limite" (trabalhar no conceito do limite e no limite do conceito, com música) seria o de "Grenzbegriff" kantiano, ou o próprio "Grenze" hegeliano — talvez essa "película efémera" de que Lyotard fala. *peras*, limes, terminus: resta sempre um RESTO (Cf. o n.º das *Traverses* dedicado ao "resto"). Um resto que é Acontecimento (com Sentido), "Ereignis" para Neidegger. I.é, por outros termos, é sempre possível encontrar um número $\leq$ e $\in$, entre x e x, em função de $\neq$. Esse "tempo" ainda mais pequeno dentro de um mínimo de tempo pensável (a "ideia" de Clinamen) corresponde, também, como que a um limite de pensamento. Uma função de x tem por limite uma grandeza fixa b quando x a (tende para; a sua trajectória; percurso nunca findo). O limite: o que separa (a diferença d) os territórios ou regiões do espaço em contiguidade. Grandeza (constante) em relação à qual uma outra (variável) é susceptível de se aproximar sem, no entanto, se igualar, per-feitamente. É esta a *Posição* (nomádica, de guerrilha) que (não) habitamos — o ethos. Porquanto a escrita não começa nem termina (Derrida, *Posições*).

5. Cultrarius.

A escrita: (escrevemos): *Posição Sacrificial*. (Escrevemos o nome de) Bataille. O sacrifício, a Morte, é preciso saber jogá-los (Aion), i.é como diferença-diferência específica — como acontecimento "ideal". Acontecimento produzido, sem dúvida, pelo Mumpty-Dumpty das palavras-mala, o "frumious" e até o "Shark". (Uma vez mais, o Jogo, o Jôco, o Gozo). O que esta escrita sacrificial e órgica, releva e revela, é pois da ordem da pura "descontinuidade", campo (descontínuo de osciladores, pura "catástrofe", como *morfogénese* (aqui Cf. os trabalhos de R. Thom e de Petitot-Cocorda) do próprio texto. Novamente o caos. Novamente o ruído. Caos-Ruído como princípio de estabilidade — i.é, a super-simetria do caos. Basta "ler" as telas, profunda e profusamente (simétrico) caóticas, do Mondrian das horizontais/verticais. Basta "ver" o *Polytope* de Xenaquis. Muito por exemplo. E, porque não?, "aplicar" os modelos catastróficos aos osciladores harmónicos musicais. O exemplo, hipersimétrico (logo, "caótico"), do autor dos *Brandeburgueses*. A nossa era, "cultural", topológica, continua a ser a das harmonias, as umbílicas da *Serpente* de Valéry. No entanto, "cultrarius", ABJECÇÃO em figura, monstro de dois dorsos (Lacan), espia-nos — e é o olho do *Panopticon* que nós internalizamos. Donde, a Criança. Como em alguns "trechos" de Takemitsu, este texto funciona como "poema" (parmenidiano) celestial onde o céu, como em Turner (que, dizem, apenas pintou coitos cósmicos), comunga com a terra — a terra, a água, o ar, o fogo. "Gultrarius", mestre de cerimónias, degola a vítima, como Hércules (eunuco) debanda êxcetra, a hidra-serpente lendária de sete cabeças (já mencionado). O texto é sempre *medusado*, sob pena capital (arriscada, riscada, o risco, correr o risco) de castração.

6. Culullus, culus.

Culmen. É o ânus. A abóbada celeste. Fastígio. Ou seja: *Apeiron*-espacial, o Ilimitado, o Limite passajado de grandes constelações, nebulosas, "red-schift" atravessando o corpo *plantado* de manchas, marcas, traços, Setas. Corpo célere e celerado, todo ele um buraco negro. Música celestial e, uma vez mais, o autor de *Green*. Trata-se de (saber) plantar um corpo. Fazer, talvez, a plantação do *Maxmum*, nome de um cogumelo gigante, remete, de resvés, para Cage. E, de Cage, o silêncio zénico, a floresta. Numa floresta cerrada, é premente a abertura de uma clareira, a claridade de uma abertura. Como uma clarabóia, como uma fresta. Assim mesmo. Para ter algo de sacrificial (o sacrifício, o sacro-ofício) e cultual, a "cultura", a fim de estar no seu per-feito lugar de culto, há que ser (note-se que não escrevo "tem de ser") essa clarabóia *abertiva* (note-se que não escrevo "aberta"), mais do que uma simples janela já nela contendo esse "fóra". O exterior, o acontecimento. Dentro/Fora. Para driblar esse paralogismo do conteúdo/continente, do dentro/fóra, essa *Cultual* (note-se que já não escrevo "cultura") passa, necessariamente, pelo Corpo, pelo significante do corpo, a sua significância, assim como o sentido. Fazer *poiein)* do corpo, com sentido, um acontecimento permanente de gozo. O (não) lugar de culto pode *ser*, assim, entrementes, um lugar de jogo. Ah o Aion!: essa espontaneidade de tudo ver(e a)todos pela *primeira vez*. Esse "espantar-se" bem nietzscheano. No altar, na ara sacrificial, é a criança que cria e que joga, somos todos nós, neste acontecer(e ser), nesta sabedoria do estar, do estar-aí, do ser, do "paraser"(sémico). Então é que os deuses riem e as nuvens urinam, tumultuosos, de efervescência e alegria, turbulência-caos-explosão. As Intempestivas. Tal a Verdade, a verdade e a seriedade do jogo, o *simulacro* da verdade, a verdade do simulacro. Numa palavra, para (não) terminar: Sim-patia (pelo pathos e) pelo cultu(r)al *lúdico*.

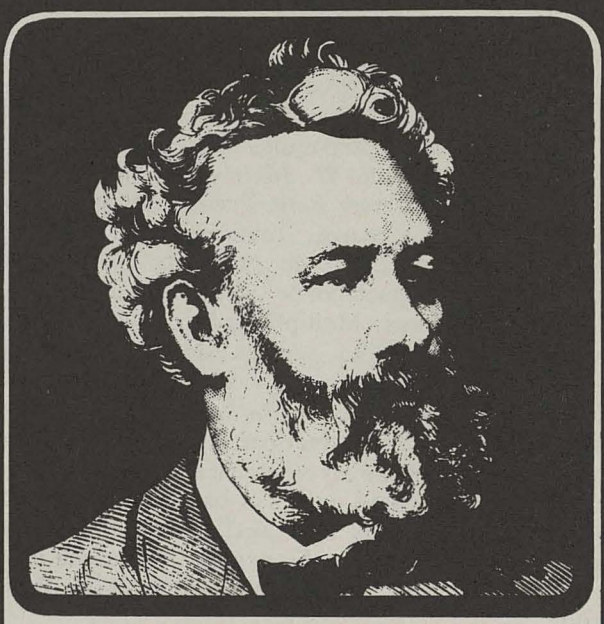
7. Cucullus.

Os cartuchos. Capuz. Capa. Postiço. Máscara. Simulacro(Repetição). Por outros termos (os do Derrida de *La Vérité en Peinture*, o Derrida dos *Cartouches*), o que este texto (umbilical, Ariana) comporta, de (com)portamentos excessivos, que esbanjam, é mais da ordem de uma THANATOGRAFIA (cultual, sempre) face *ao paradigma* (a qualquer um) seja ele textual (seja ele ex-textual). Mise-à-mort do Paradigma. O *Sole*, a ave, que tudo destrói. Indicator. O *Sol*, a árvore, deste errôr. O *Solo*, a cave, destas nuvens. I.é: *Posição* num outro lugar, num lugar-outro. Repetição. O Corpo. *Disposição* do corpo inteiro para esse estar. Enfim, a Harmonia máxima (e a sua máxima) dos Clusters. Nuvens, constelações, emaranhados, a teia. O anel elíptico, suspensão coloidal, ferido de exêrgos hieróglifos, as marcas, a cerimónia. A Cerimónia. ●

1) "Notes", in **L'Arc**, 1968, p.9.

2) Cf. **Musique en Jeu**, n.º 13, 1973, pp. 49-seg.s (Ed.Seuil).

3) Xenaquis, "Vers une Philosophie de la Musique", in **Revue d'Esthétique, Musiques Nouvelles**, Ed. KlincKsiecK, 1968, p. 210.



SÉRIE

JÚLIO VERNE

Redescobrir Verne através de uma série que inclui títulos desconhecidos, ou quase, obras durante anos esquecidas e, ainda, histórias inesperadas daquele que foi o grande ficcionista do século passado.

Títulos publicados

A espantosa aventura da Missão Barsac
2 Vol.
1ª. parte: De Londres ao interior da África
2ª. parte: Blackland

Histórias inesperadas

Ontem e amanhã

O segredo de Guilherme Storitz

A publicar brevemente

O homenzinho
2 Vol.
1ª. parte: Os primeiros passos
2ª. parte: Últimas etapas

edições ANTÓNIO RAMOS
Rua Padre Luís Aparício, 9, 1°F, Tel. 577205
1100 LISBOA

Distribuição exclusiva
Centro do Livro Brasileiro
Lisboa/Porto